

Sociedade Brasileira de Sociologia

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

Brasília, de 26 a 29 de Julho de 2017

**Expansão, diferenciação e estratificação no acesso à universidade:
análise a partir das escolhas de carreiras. Nome completo e instituição**

-
-
-
-

GT 18 Educação Superior na Sociedade Contemporânea

-
-

Autor: Anderson Paulino da Silva

1.Introdução

Este artigo propõe analisar as escolhas de carreiras efetuadas pelos candidatos ao vestibular da Universidade Federal Fluminense (UFF), numa perspectiva comparativa dos anos de 2005 e 2010, tendo em conta os efeitos das políticas governamentais implementadas sobre as expectativas de ingresso daqueles provenientes de grupos populares.

O período tem por peculiar as reformas nas universidades federais, impulsionadas pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). A partir de 2008, podemos evidenciar na UFF uma acelerada expansão na oferta de vagas, com tendência para interiorização de vagas em *campi* instalados no interior fluminense, além da implantação de uma “política afirmativa de bonificação” direcionadas para estudantes oriundos das escolas públicas de ensino médio.

Este período tem culminância com a implantação da Lei de Cotas nas universidades federais em 2012, que dá vazão a maior parte das demandas emanadas dos grupos em favor da democratização do ensino superior. Contudo este artigo se debruce numa etapa imediatamente anterior, sua relevância se revela no olhar para as subjetividades dos jovens diante de diferentes cenários de políticas públicas.

A metodologia da pesquisa está baseada na análise estatística dos dados fornecidos pela Coordenação de Seleção Acadêmica (COSEAC), órgão responsável pela organização da seleção vestibular na UFF. Estas bases de dados foram originadas das informações prestadas em questionário anexo ao formulário preenchido pelos candidatos no ato da inscrição. Conquanto os questionários sejam orientados por auto respostas dos candidatos, vale ressaltar a consistência dos resultados relativamente aos resultados de pesquisas oficiais. (Silva, 2006).

Formalmente, a inscrição corresponde ao ato que antecede a realização do exame Vestibular, onde o estudante manifesta sua expectativa de prolongar sua trajetória escolar numa dada instituição e curso de formação superior. Idealmente nestas opções vão refletidas suas preferenciais, gostos e aptidões pessoais. Entretanto, conforme argumentaremos, as vantagens potenciais de

aprovação para os cursos mais prestigiosos tendem a criar um novo tipo de hierarquia social, cujo efeito mais notável é a antecipação das desigualdades muitas vezes observadas na aprovação.

O artigo completo divide-se em três partes, além dessa introdução. A seguir apresentamos uma síntese da literatura sobre as escolhas educacionais dos estudantes. Na terceira parte realizamos a abordagem dos dados, onde focalizamos sobre as decisões identificadas entre candidatos negros, tendo em vista a polêmica particular que envolve o reconhecimento da independência da variável racial ante outros fatores socioeconômicos implicados com a desvantagem no *projeto* educacional dos estudantes. A conclusão reflete sobre a relação entre o perfil das escolhas e as distintas políticas de acesso orientadas para promover a democratização das Universidades.

2. Antecedentes da pesquisa

Um dos pioneiros na análise das escolhas realizadas por estudantes na seleção vestibular na segunda metade da década de 1970, Ribeiro (1982, P.3), alertava para a necessidade de um maior conhecimento sobre os mecanismos psicossociais envolvidos nas preferências dos candidatos ao ensino superior. Tais mecanismo redundariam da atuação simultânea de fatores internos e externos a individualidade dos estudantes, os quais configurariam um tipo de “pré-seleção social na escolha das carreiras”. Assim, conforme explica o autor, “a cada carreira estariam associados candidatos “com perfil socioeconômico e cultural extremamente definidos”, de modo a formar uma “escala de prestígio das carreiras”, cujas implicações mais importantes poderiam ser evidenciadas de forma mais ampla na composição da estrutura político-social do país.

A descrição desta escala de prestígio é concebida por três grupos de carreiras, com perfis sociais nitidamente distintos. O primeiro era formado por estudantes oriundos de famílias de mais baixo nível socioeconômico e cultural, com renda familiar de até cinco salários mínimos, com responsáveis em ocupações manuais e escolaridade inferior ao nível fundamental. Neste grupo aparecem reunidas as carreiras que promovem às profissões docentes de nível elementar e outras, então recentemente alçadas a condição de formação de

nível superior. O segundo grupo era formado por carreiras que conduzem às profissões de docência no ensino médio e carreiras novas, antes ocupadas por técnicos do ensino médio. Estas detinham as preferências de estudantes cujas rendas se aproximavam de dez salários mínimos, com os pais em ocupações intermediárias (pequenos comerciantes, funcionários públicos e militares) e escolaridade equivalente ao ensino médio. Por fim, no terceiro grupo estavam reunidas as carreiras orientadas para as “profissões liberais”, onde se destacavam os cursos de “Medicina” e “Engenharia”, preferidos pelos filhos das classes médias altas, cujos pais já possuíam diplomas de nível superior.

Outra característica destacada pelo autor é a associação entre a escala das carreiras e a distribuição por sexo das candidaturas. Neste caso, a preferência das mulheres pelas carreiras do primeiro grupo aparece como um prenúncio dos obstáculos enfrentados por estas para aceder às carreiras de maior prestígio, onde apareciam majoritariamente concentradas as preferências dos homens. Todavia, como indicio das mudanças que estavam por se iniciar, na categoria intermediária, a distribuição de sexo mostrava-se mais equilibrada.

Paul e Silva (1998), recorrendo a base de dados semelhante, reafirmam a existência de um processo de auto seleção no momento da escolha das carreiras, onde a “estratificação de prestígio” expressa também a percepção de vantagens por grupo de carreiras, servindo como um guia de orientação para as decisões individuais. Numa primeira ordem este processo é descrito pelas diferenças de desempenho acadêmico exigidas para o ingresso em cada carreira, a qual levaria os candidatos a estimar *a priori* sua capacidade relativamente aos demais concorrentes. Além dessa auto seleção, de base puramente acadêmica, os autores evidenciam uma outra modalidade, apoiada nas diferenças sexuais e socioeconômicas dos candidatos (PAUL e SILVA, *idem*, p.121). Neste quesito em particular, os autores pesam o fato dos cursos mais prestigiosos serem também aqueles com maior exigência de dedicação, o que inviabilizaria esta alternativa para estudantes trabalhadores, com responsabilidade pela sua própria manutenção no ensino superior.

Assim, a opção manifestada pelos candidatos encerra não apenas suas preferências e gostos, mas é introduzida, sobretudo, por suas características pessoais, sociais e sua confiança quanto ao próprio desempenho acadêmico para superação de seus concorrentes ou ainda suas probabilidades de êxito

profissional após a formação. De outro modo, as expectativas de frustração quanto ao enfrentamento da concorrência tenderiam a resultar na evitação de determinadas carreiras ou instituições antevistas como inadequadas a si ante as características sociais dominantes entre os estudantes concorrentes.

Muito comumente abordagens dessa ordem centram sua análise sob a teoria da escolha racional, a qual oferece ainda explicação ao fato de uma parcela expressiva dos estudantes sequer manifestar interesse em seguir para cursos de ensino superior, evadindo do sistema escolar ou buscando segmentos que antecipem seu ingresso no mercado de trabalho (BOUDON, 1981; ELSTER, 1994; GOLDTHORPE E BREEN, 1996). Os pressupostos desta teoria compreendem um tipo de adaptação qualitativa dos modelos teóricos empregados nos estudos econômicos, em que pesam os parâmetros estabelecidos pela posição social na avaliação sobre os custos, os benefícios antecipados e os riscos da realização de dado investimento educacional (BOUDON, 1981). Tais abordagens asseveram a relevância atribuída aos sistemas escolares para as dinâmicas da mobilidade social, tão mais eficazes quanto maiores as taxas de cobertura nas etapas de formação básica que antecedem a alternativa de transição para o ensino superior.

Assim sendo, estes modelos analíticos integralizam o conjunto dos estudantes e suas famílias num quadro de referência que, a título de simplificação na sua aplicação à realidade empírica, rejeitam a hipótese da influência de normas, valores ou crenças subculturais ao longo da estrutura social de classes. Ou seja, diante de um quadro em que é possível aos sujeitos reconhecer e distinguir entre as oportunidades ofertadas, eles podem operar racionalmente um cálculo em que pesam o auto interesse e as probabilidades de realização, alcançando um fim ótimo (ELSTER, 1994).

Esta perspectiva denota a existência de níveis satisfatórios de informação entre os estudantes acerca das oportunidades disponíveis nas diversas carreiras, das regras dos exames e suas próprias possibilidades de aprovação, simultaneamente que evoca a atribuição de peso relativo da cultura recebida por herança familiar sobre os níveis de escolarização alcançados pelos estudantes, especialmente quando nas etapas mais avançadas do curso escolar. Portanto, ainda que a posição de classe possa refletir níveis diferenciados de oportunidades e barreiras associadas com os custos e os riscos de dado

investimento educacional (intermediado por fatores como a herança cultural, a defasagem escolar etc.), seus efeitos poderiam ser superpostos quando controlados pelo empenho individual no próprio processo de escolarização.

No modelo teórico-empírico proposto por Breen e Goldthorpe (1996), a aversão ao risco constitui o aspecto central na orientação das estratégias educativas seguidas pelos estudantes e suas famílias. O sentido conservador de suas ações está baseado no suposto que as famílias buscam minimamente assegurar aos seus filhos a chegada a uma posição socioeconômica equivalente à sua própria origem. Isto significa dizer que atuam para maximizar tanto quanto o possível as chances educacionais dos filhos, com o mínimo risco da ocorrência de descenso social. Portanto, dada a sua posição intermediária na hierarquia social, os autores concluem serem os filhos das famílias de classe média aqueles mais propensos a buscar a ascensão social pela via educacional, o que é estabelecido levando-se em conta as possibilidades de elevação na escala social e o diferencial de desempenho médio dos estudantes, maior entre os filhos da classe média do que nos da classe baixa, muito embora sejam as variâncias equivalentes em cada agregado de classe.

Acerca disto, o sistema teórico construído por Pierre Bourdieu perfaz a crítica da representação do indivíduo dissociado das relações estruturais mais amplas que envolvem o sistema social quanto a integração dos indivíduos no sistema escolar, o qual tem encontrado respaldo importante nas pesquisas brasileiras no campo das desigualdades educacionais. A referência a linguagem dos capitais por este autor, muito embora também encontre fundamento nos postulados das teorias econômicas, conduz a uma abordagem da ação menos prospectiva e mais centrada nas condições da socialização familiar do indivíduo. Para Bourdieu, a rede de relacionamento social (capital social), os saberes convertidos em títulos escolares (capital cultural) e a capacidade de consumo de bens e serviços materiais (capital econômico) constituem atributos familiares passíveis de serem transmitidos e incorporados à subjetividade das gerações mais jovens com retornos sociais correspondentes ao volume e a natureza dos recursos recebidos por herança do convívio social.

No conceito de *habitus*, o autor compreende assim uma síntese da incorporação dessas heranças, observáveis através das manifestações de gosto, práticas e ações dos indivíduos. Em consideração da tradição

epistemológica das ciências sociais, pretende também por esta abordagem efetuar a mediação entre a objetividade das estruturas sociais e as práticas internalizadas pelos sujeitos, conformado num “duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 1983, p.47). Explicitamente o *habitus* é definido como um “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes... princípio gerador e estruturador das práticas e das representações” (BOURDIEU, 1983, p.61), funcionando como o principal fator de agregação dos indivíduos como grupo ou classe na dimensão do espaço social, na medida em que permite estabelecer certo grau de coordenação entre as ações individuais e as necessidades objetivas engendradas pelos princípios geradores do próprio grupo.

Adequada à análise da orientação dos indivíduos nos sistemas educacionais, a teoria bourdiesiana faz menção das experiências e da estatística intuitiva observada por cada *classe* como matriz de referência para as escolhas e ações dos estudantes. Por este parâmetro, indivíduos provenientes de famílias com maior volume de capital cultural, mais que aquelas com maior volume de capital econômico, seriam as mais propensas a buscar a manutenção de seu *status* pela via escolar. No sentido inverso, a ausência dessa herança cultural ressalta também a escassez de êxitos pessoais e de referências positivas no meio social de origem, fato que induziria a regulação das aspirações individuais ao nível de uma realidade conhecida.

Sendo assim, as oportunidades de se alcançar o ensino superior e as chances de obter sucesso uma ingressado nesse nível de ensino são tomadas como função, “fundamentalmente, do nível cultural do meio familiar, anteriores a ação homogeneizante da escola e do meio escolar” (BOURDIEU, 1998, p.44). Por esta concepção, a superação de tais barreiras por estudantes provenientes dos meios populares configura tão somente uma exceção que atesta a regra, casos de *superseleção*, resultante da passagem por contínuos processos de seleção social. A atipicidade destes eventos apenas viria a legitimar a visão de autonomia e neutralidade concebida acerca dos processos de avaliação escolar, as quais formam a base da ideologia do mérito. Ao invés disso, a teoria bourdiesiana investe em denunciar a dominância dos fatores sociais nas

classificações efetuadas a partir do processo escolar, em detrimento particular de variáveis de desempenho acadêmico.

De tal modo, a abordagem racionalista traduz a ação individual como o resultado de um comportamento orientado para a busca de um fim ótimo, numa equação que leva em conta a avaliação mais ou menos consciente dos meios disponíveis para alcançar um resultado desejado, a partir das referências geradas pela condição socioeconômica da família, mas com privilégio da leitura do contexto presente em que se desenrola a ação. A teoria bourdiesiana, por sua vez, busca reforçar os elos entre os resultados da ação presente e as condições socialização experimentadas na trajetória percorrida pelos indivíduos na estrutura social. Neste caso, a ineficácia dos sistemas escolares como mecanismos de suporte à mudança social é denunciada pela equivalência do desempenho acadêmico dos estudantes com os volumes de capital cultural disponível no ambiente familiar, sendo as diferenças de comportamento frente à escola pelas distintas frações de classe um sinal inequívoco da reprodução do *status quo* por antecipação das expectativas de resultado.

Sobre estas considerações vão remetidas a questão das escolhas efetuadas em face das hierarquias de prestígio nos cursos na Universidade Federal Fluminense. Entende-se que, por um lado, as transformações ocorridas na base do sistema educacional, juntamente com os estímulos produzidos pelas Reformas do Ensino Superior na década de 2000, criaram condições favoráveis ao aumento dos estoques de estudantes com características de desvantagem social entre os inscritos no vestibular. Ao nível individual, no entanto, o resultado desse investimento permanece limitado pelo quantitativo de vagas em cada curso, o qual se apresenta em correlação com os níveis hierárquicos de prestígio no interior na instituição.

Por assim dizer, podemos acreditar que os candidatos com maior vantagem social seriam os mais propensos a seguir seus investimentos, mesmo diante do aumento dos riscos de fracasso. Ou de outra forma, a evitação do fracasso poderia afetar as disposições de candidatos em desvantagem, regulando suas aspirações por ensino superior às carreiras comumente com menor número de inscritos por vaga. Tais questões não são triviais e invocam certo grau de conhecimento acerca da vontade subjetiva dos estudantes. Todavia, inspirados pelas formulações da literatura, nossa hipótese afirma que

as chances de sucesso tendem a influenciar as escolhas individuais por carreiras universitárias, seja pela consciência antecipada do fracasso ou pela internalização das condições objetivas que distanciem o estudante dos perfis de sucesso.

Demonstrações dessa ordem tem em particular privilegiado a situação de grupos com menores rendimentos e mulheres. Portanto, dados os interesses mais específicos que movem esta pesquisa, esta mesma proposição é introduzida pelas aspirações manifestadas pelos estudantes negros. Esse foco é remetido à dúvida sobre a diferença de escolhas de carreiras superior por indivíduos racialmente distintos, porém submetidos a equivalentes condições sociais de vida.

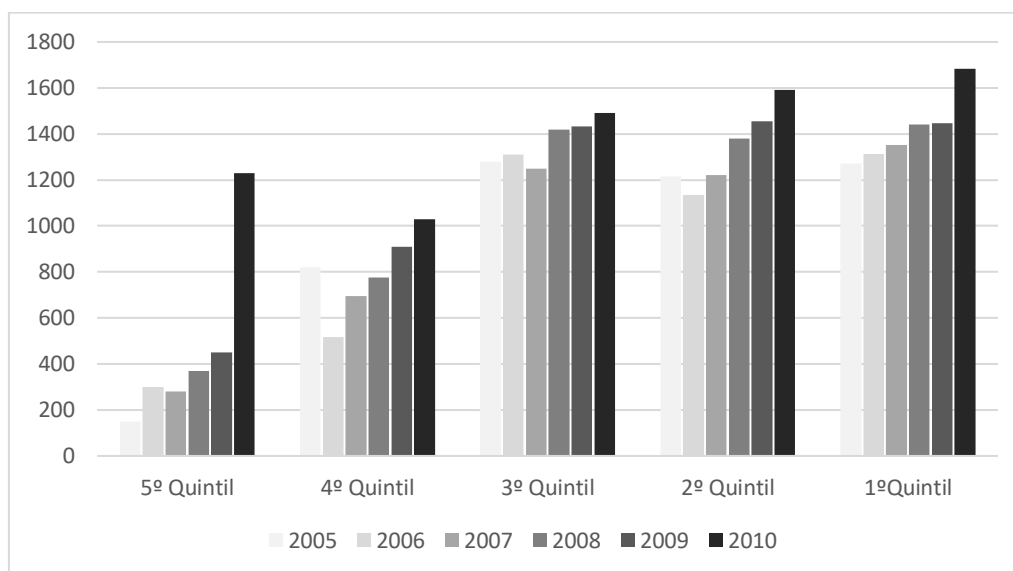
Como instrumento adaptado à análise das relações raciais no sistema educacional, a projeção dessa análise retoma a noção de *habitus racial*, proposta por Silva (2006). Baseado no entendimento da teoria do *habitus*, este conceito concede autonomia aos fatores da desigualdade racial implicados nas diferenças de classe presentes na estrutura socioeconômica, compreendendo as decisões individuais também como um produto da internalização das experiências de racismo na sociedade, as quais conciliarão as escolhas efetuadas pelos estudantes negros com um destino mais próximos da generalidade de seu grupo na universidade. A redução da participação de estudantes com afiliação racial negra nos cursos mais concorridos, portanto, poderia ser explicado como um produto das diferenças significativas nas escolhas realizadas por estes no ato da inscrição para o vestibular. E dado o caráter durável do *habitus*, esta afirmação tenderia a permanecer mesmo diante dos estímulos provenientes das reformas educacionais.

2. Análise dos dados

Entre os anos de 2007 e 2010 a oferta de vagas na UFF apresentou um crescimento da ordem 70%, donde se pode apontar uma rápida resposta da instituição aos incentivos concedidos pelas políticas do Reuni. Esta tendência segue a média da expansão identificada nas IFES do estado do Rio de Janeiro no mesmo período. Contudo, essa variação na oferta de vagas não se deu de

forma homogênea, tendo se concentrado nos cursos que compõe o estrato de cursos com menor prestígio social, conforme atesta o gráfico 1 a seguir:

GRÁFICO 1 – Variação na oferta de vagas por estrato de prestígio dos cursos, 2005-2010



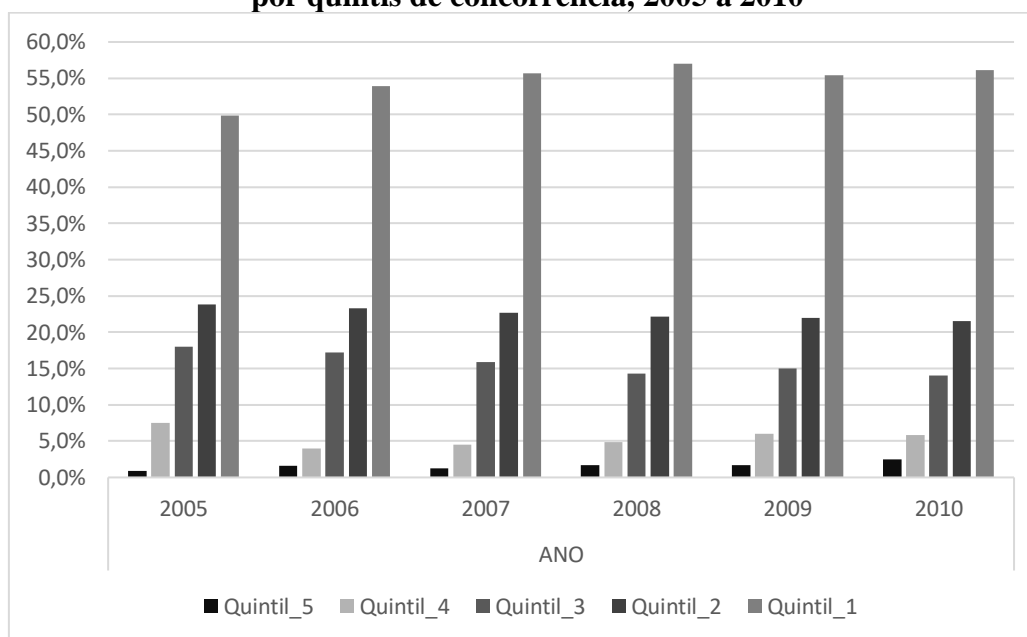
Fonte: Coseac/UFF, 2005-2010.

A concepção dos estratos de prestígio apresentados no gráfico 1 levou em conta a relação candidato-vaga média entre os anos de 2005 e 2010, a partir dos quais estabelecemos pontos de corte seguindo os quintis indicados na hierarquia da escala.

Em grande medida, os apontamentos registrados se explicam pela agregação de cursos instalados em *campi* no interior fluminense, com predominância de licenciaturas. Porém, há que se levar em conta também a inalterada variação no número de vagas oferecidas por alguns cursos situados nos estratos de maior prestígio, onde predominam áreas das profissões liberais e das chamadas áreas duras das ciências.

Com base nessas considerações, tomamos por conveniente observar a distribuição das candidaturas por níveis de prestígios dos cursos, conforme o gráfico 2 a seguir, onde se espelha o exercício da liberdade de escolha relativa ao usufruto dos recursos que intermediam essa escolha.

GRÁFICO 2 - Distribuição porcentual das candidaturas nos vestibulares da UFF por quintis de concorrência, 2005 a 2010



Fonte: Coseac/UFF, 2005-2010.

Por redundante que possa parecer, deve-se notar que a preferência por cursos do primeiro quintil de concorrência concentra uma porção das candidaturas bem acima da proporção observada nos outros agregados de cursos. Essa observação destaca o peso representado pela presença do curso de Medicina neste agregado, entretanto, a afirmação permanece coerente mesmo descartando esta influência. Esta tendência aponta um traço regular e predominante da preferência e da subjetividade dos estudantes em busca de formação superior.

Ainda que a maior expansão na oferta de vagas tenha ocorrido nos cursos do 5º quintil – de 150 vagas em 2005 para 1230 em 2010 –, as preferências dos candidatos mantiveram-se atreladas, e com crescimento, a auto realização no conjunto de carreiras de maior prestígio. A rigor, portanto, podemos associar a este conjunto de carreiras os maiores retornos em termos de realização de bem-estar, seja em termos financeiros ou status.

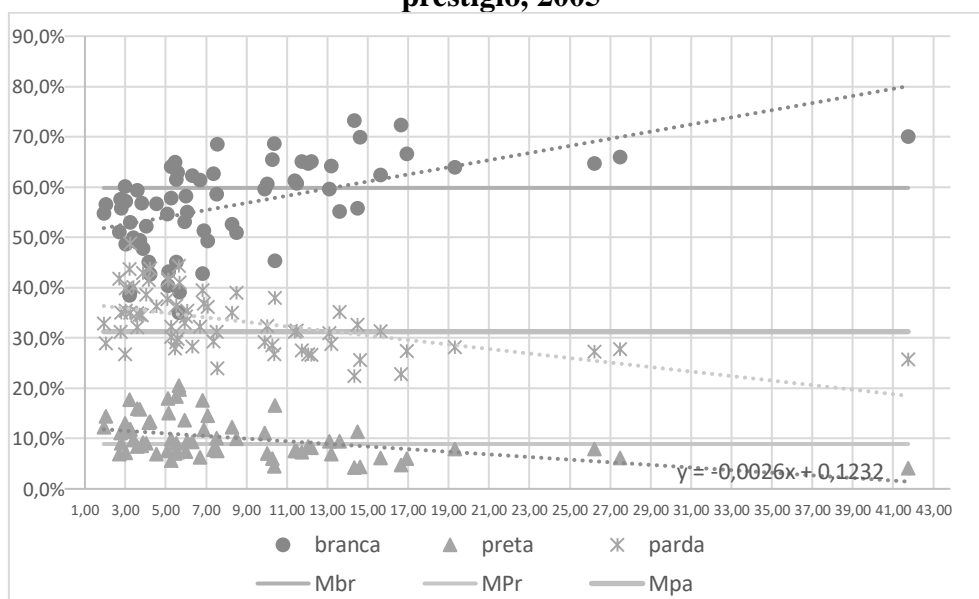
Dentro da perspectiva, a escolha manifestada compõe uma *visão das opções* em que o valor da opção realizada pesa também extensão da liberdade de escolher disposta para cada estudante (SEN, 1999). Mas o quadro desta avaliação se torna mais complexo na mesma medida em que se compreende

que as diferenças observadas não são automaticamente equiparáveis com a dimensão da diversidade humana.

Portanto, nas análises seguintes preconizamos a comparação dos anos de 2005 e 2010 quanto a distribuição racial por curso e nível de prestígio. Nos gráficos a seguir, as linhas horizontais revelam a média da inscrição para cada um dos grupos raciais no concurso, de onde se pressupõe que em uma situação ideal de igualdade as escolhas realizadas pelos candidatos em cada curso resultariam numa linha de representação horizontalmente disposta em torno da própria média do grupo. Estas, por sua vez, teriam taxas percentuais equivalentes à sua representação na população habilitada a seguir ao ensino superior.

Neste caso, as linhas de tendência sinalizam os desvios observados com relação à média, indicando as diferenças com que cada grupo almeja transitar ao ensino superior em função das hierarquias de prestígio que perpassam os cursos da instituição, como no gráfico 3 a seguir:

GRÁFICO 3 - Distribuição das categorias de raça/cor por curso e nível de prestígio, 2005

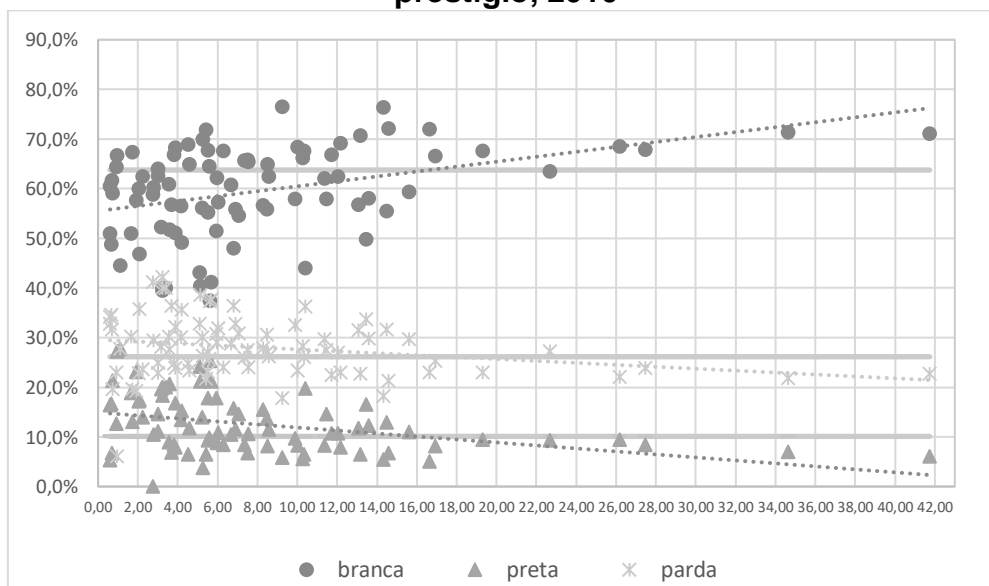


No aspecto mais relevante do ponto de vista deste artigo, destacamos a tendência decrescente na proporção de inscritos apresentada por pretos e pardos na medida em que se eleva o nível de prestígio dos cursos, onde sua participação se mostra abaixo de sua média geral entre os inscritos. Situação

contrária ocorre com os estudantes brancos, que tendem a elevar sua participação na medida em que se eleva o prestígio do curso. No extremo oposto, as candidaturas de estudantes brancos tende a se apresentar abaixo de sua média geral e, em muitos casos, equivalentes a participação de estudantes pardos.

O contexto representado pelo Gráfico 4 assinala a distribuição dos candidatos no ano de 2010, onde transparece o aumento no volume de cursos disponíveis concomitante ao aumento de vagas, destacadamente nos cursos de menor prestígio.

GRÁFICO 4 - Distribuição das categorias de raça/cor por curso e nível de prestígio, 2010



Fonte: Coseac/UFF, 2010

Neste contexto, um crescimento sensível na proporção média de candidatos brancos e também dos pretos aparecem como os dados mais evidentes na análise deste gráfico. Com efeito, e mediante o aumento das opções de candidaturas à Universidade no ano de 2010, o que se nota é a prevalência de diferenças mais marcadas nas preferências de candidatos brancos e pardos nos cursos de menor prestígio, quando comparadas ao gráfico anterior.

Estes, simultaneamente que se tornam mais distantes da representação dos candidatos brancos nessa categoria de cursos, assumem características mais próxima dos pretos. Neste sentido, é possível perceber que os incentivos introduzidos pelas Reformas tenham produzidos mais estímulos entre

estudantes brancos do que nos pretos e pardos em se tratando da motivação por acessar os cursos de maior prestígio. Assim, ao contrário da manutenção das tendências esboçadas no ano anterior, tem-se indicações de aumento ainda maior das desigualdades nas escolhas.

Todavia, assumir estas desigualdades como consequência dos dramas psíquicos gerados pelo racismo sobre as preferências dos estudantes pode significar uma maneira *a priori* de compreensão do problema, que entre outras questões, desconsidera as relações individuais com os recursos e as suas capacidades. Neste este último aspecto particular, Hearn (1991) assevera a importância da inserção de variáveis do tipo meritocrática nos modelos de avaliação sobre as escolhas e o êxito acadêmico dos estudantes, os quais podem ser consideradas preditores muito influentes sobre a decisão de seguir trajetórias por cursos mais seletivos.

3.1. o modelo de análise

Neste tópico pretendemos explorar os efeitos da concorrência por curso, o qual estrutura a estratificação de prestígio das carreiras, sobre as escolhas dos candidatos às vagas na UFF. As variáveis dependentes elencadas no modelo são um *proxy* de fatores teórica e empiricamente associados com as vantagens escolares e sociais obtidas pelos indivíduos. Na tabela 1 a seguir apresentamos os dados descritivos para essa amostra.

TABELA 1 – Estatísticas descritivas das variáveis inseridas no modelo de regressão por ano

	2005	2010
N de casos	46574	44341
Sexo	2005	2010
Masculino	39,6%	38,6%
Feminino	60,4%	61,4%
Total	100,0%	100,0%
Idade	2005	2010
Idade média	21,45	20,79
	(5,64)	(5,21)
Cor ou raça	2005	2010
Branca	59,8%	63,8%
Preta	8,9%	10,1%
Parda	31,3%	26,1%
Total	100,0%	100,0%
Tipo de escola	2005	2010

Todo em escola particular	54,0%	56,5%
Maior parte em escola particular	5,9%	6,0%
Maior parte em escola pública	5,7%	4,6%
Todo em escola pública	33,9%	32,6%
Outros	0,4%	0,4%
Total	100,0%	100,0%
Escolaridade da mãe	2005	2010
Até fundamental incompleto	18,8%	12,2%
Fundamental	10,2%	8,4%
Médio	32,0%	34,9%
Superior ou maior	37,0%	42,8%
Não sei informar	2,0%	1,8%
Total	100,0%	100,0%
Escolaridade do pai	2005	2010
Até fundamental incompleto	18,8%	13,9%
Fundamental	8,7%	8,4%
Médio	28,8%	33,3%
Superior ou maior	38,3%	39,3%
Não sei informar	5,4%	5,1%
Total	100,0%	100,0%
Renda familiar	2005	2010
Até 1 salário mínimo	4,1%	5,4%
Mais de 1 a 3 salários mínimos	24,7%	30,5%
Mais de 3 a 10 salários mínimos	38,3%	38,2%
Mais de 10 a 20 salários mínimos	18,8%	16,8%
Mais de 20 salários mínimos	14,1%	9,1%
Total	100,0%	100,0%
Nota	2005	2010
Nota média	31,63	29,22
	(13,43)	(12,41)

Fonte: Coseac/UFF, 2005 e 2010

A comparação do N de casos nos dois anos assinala uma um decréscimo no total de candidaturas, inferior à expansão de vagas no mesmo período. De forma regular se verifica também que o público feminino se apresenta predominante entre os candidatos da UFF na comparação entre os anos. A análise da variável idade confirma que a concorrência por vagas no vestibular da UFF como um processo que envolve predominantemente os jovens, com idade média na faixa dos 21 anos. A comparação entre os anos aponta ainda certa tendência a redução na idade média dos estudantes inscritos, concomitante ao aumento na dispersão das idades, o que pode ser considerado por ocorrência da política de diversidade incentivado para as universidades públicas.

Da mesma forma que a participação feminina, também predominam entre os candidatos os estudantes brancos, o que já foi demonstrado anteriormente. Além disso, estes demonstram participação crescente entre os inscritos, alcançando a taxa de 63,8% em 2010.

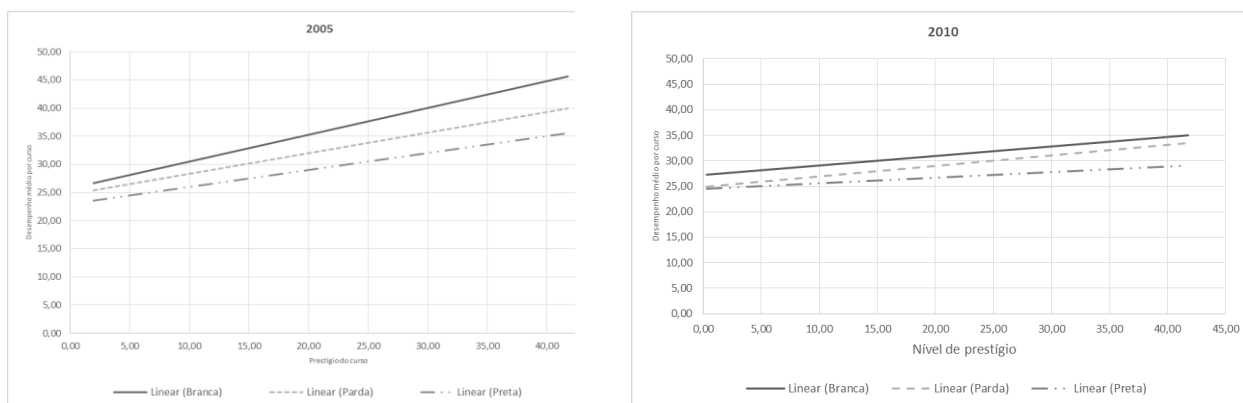
A comparação da variável renda familiar demonstra coerência com a teoria e os objetivos da instituição ao implantar as Reformas. Ou seja, as classes de renda intermediárias predominam entre aqueles com maior ambição escolar, com tendência rarefeita nas classes mais altas. Por sua vez, a comparação temporal dos dados é indicativa do crescimento sensível da participação das famílias mais pobres, em consonância com os incentivos concedidos aos estudantes provenientes de escolas públicas pela política de bonificação instituída pela Universidade.

Contudo o crescimento da participação de famílias provenientes dos estratos de renda mais baixa nas candidaturas seja uma evidência considerável do contexto das políticas afirmativas em debate no país e implementadas na UFF, este não se mostra coerente com a participação de estudantes provenientes de escolas públicas. Vale lembrar que a implantação da política de bonificação em 2008 teve como alvo precisamente este grupo. Assim, a disputa por vagas na Universidade pública se faz uma competição que se dá de forma predominante entre estudantes originários de escolas de ensino privado, cuja participação entre os inscritos alcançou 56,5% em 2010.

No perfil de escolaridade dos pais, os valores modais da distribuição de pais e mães com nível de escolaridade superior sobressaem, o que também se mostra coerente com a teoria. Estes buscam prioritariamente assegurar a reprodução social alcançada pelo núcleo familiar. E quando comparada a distribuição dos pais, as mães apresentam modais de escolarização mais elevada.

A última variável inserida no modelo representa a nota alcançada pelo estudante na primeira etapa do vestibular. A queda na média verificada em 2010 é coerente com a trajetória de expansão de vagas, refletida também na redução da dispersão das notas descrita na tabela. Pela relevância atribuída ao desempenho escolar individual como variável influente na definição das preferências dos estudantes, com efeitos diretos sobre a estratificação socioeconômica e racial das carreiras, incluímos no modelo final da pesquisa a interação dessa variável com a identificação racial dos estudantes, como demonstra a figura 4:.

FIGURA 1 – Estimadores de desempenho no vestibular segundo prestígio do curso – 2005 e 2010



Fonte: Coseac/UFF, 2014

A figura acima indica a redução das médias globais na comparação entre os anos de 2005 com o de 2010, por onde se nota uma clara redução no nível geral dos candidatos concernentes às habilidades demonstradas. Esta tendência é válida para todos os grupos de cor, porém o fato não ocorre na mesma proporção para todos. Enquanto a média dos brancos apresentou queda de 9% (de 33,5 para 30,48) e a dos pardos 6,9% (29,6 para 27,5), os pretos tiveram apenas 2% de redução na sua média (26,1 para 25,6). Essa redução geral nas médias pode ser afetada pelas diferenças na extensão da escala de prestígio em sua extremidade inferior. Isso significa que os efeitos do desempenho médio medido pela pontuação dos candidatos variam conforme a estratificação interna, com tendência de aumento das diferenças na proporção em que nos aproximamos dos níveis de maior prestígio.

Por essa observação, no modelo final incorporamos a observação dos efeitos de interação da variável racial com o desempenho dos candidatos, mantidas todas as outras variáveis anteriormente descritas constantes. Esse procedimento deduz da variável principal os efeitos produzidos pelas variáveis incluídas na interação, conforme apresentado na tabela 10 a seguir:

TABELA 2 – Coeficientes de Regressão para modelo de escolha de curso no Vestibular UFF, 2005 e 2010

	2005		2010	
(Constant)	17,828		-7,874	
Sexo				
Masculino_ref				
Mulheres	-0,094	***	-0,082	***
Cor/raça				
Pretos_ref				
Branços	-0,068	***	-0,23	***
Pardos	-0,042	*	-0,116	**
Idade				
	-0,038	***	0,015	*
Escolaridade do Pai				
Superior_ref				
Até fundamental incompleto	-0,046	***	-0,021	**
Fundamental completo	-0,033	***	-0,016	**
Médio completo	-0,043	***	-0,018	**
não sabe informar	-0,027	***	0	*
Escolaridade da mãe				
Superior_ref				
Até fundamental incompleto	-0,067	***	-0,022	**
Fundamental completo	-0,044	***	-0,018	**
Médio completo	-0,049	***	-0,026	***
Não sabe informar	-0,015	***	-0,003	*
Tipo de Escolarização				
Todo em escola privada_ref				
Todo em escola publica	-0,081	***	-0,032	***
Maior em parte publica	-0,016	***	-0,014	*
Maior parte em escola privada	-0,008	*	-0,01	*
Outros	-0,003	*	-0,007	*
Renda Familiar				
Acima de 20 s.m_ref				
Até 1 s.m	-0,041	***	-0,015	**
de 1 a 3 s.m	-0,132	***	-0,051	***
de 3 a 10 s.m	-0,114	***	-0,032	**
de 10 a 20 s.m	-0,042	***	-0,015	*
Bônus	-		-0,004	*
Pontuação na 1º fase	,141	***	0,466	***
Branços pontos	,123	***	0,263	***
Pardos pontos	,072	**	0,135	**
R2	0,151		0,351	
N	46574		44341	

Fonte: Coseac/UFF, 2007 e 2010. *p<0,01;**p<0,005;***p<0,001

Da interação entre as variáveis emerge uma interpretação para as relações entre os grupos de cor na competição do vestibular derivada das

vantagens alcançadas pelos brancos na obtenção de mais notas elevadas. Apesar da distância das médias entre os grupos de cor ter se encurtado na comparação entre cursos na comparação dos anos, os efeitos da habilidade cognitiva expressa pela pontuação na 1ª fase do vestibular na definição da localização individual na estratificação interna da Universidade se ampliaram. Ou seja, conquanto o perfil de estudantes às portas da instituição preveja menor desempenho acadêmico na média, a definição daqueles que irão disputar as vagas de maior prestígio parece excluir aqueles menos hábeis.

Portanto, o fato dos estudantes brancos sinalizarem sistematicamente desempenho mais elevado se revela num aumento significativo das vantagens com relação aos estudantes pretos. Em certa medida o mesmo pode ser dito com relação aos estudantes pardos. Porém, nesse caso, as diferenças são significativamente menores na medida em que os desempenhos se equivalem nas posições de menor prestígio, onde levamos em conta o fato dos estudantes pardos se diferenciarem dos pretos com significância menor que a dos brancos ($p < ,005$).

A importância estabelecida pelas notas com o processo de reformas atraiu majoritariamente candidatos pretos e pardos para inscrição nos cursos de menor prestígio, onde o desempenho exigido dos candidatos para a aprovação tende a ser menor. O sentido dessa decisão demonstra certa racionalidade nessas escolhas, amparadas pelo autoconhecimento quanto à constituição de suas capacidades, o que frustraria a hipótese do *habitus racial*. Portanto, diante da prevalência das desigualdades raciais nas escolhas faria mais sentido falarmos de uma *racionalidade étnica* nas escolhas. Por esta, as influências atribuídas ao racismo atuariam de forma indireta, intermediado pelos fatores socioeconômicos e pedagógicas que conformam o desempenho escolar e, em última instância, favorecem uma maior liberdade de escolha nas carreiras do vestibular.

4. Conclusão

Estas diferenças assinalam questões que se aprofundam para além da competição registrada no vestibular, remetendo aos fatores que afetam seletivamente a composição do estoque de recursos dos estudantes por sua cor, os quais se refletem objetivamente no desempenho demonstrado nos exames.

Tal afirmação se encontra longe de negar os pressupostos estabelecidos pela *Teoria da Vulnerabilidade ao Estereótipo* (STEELE, 2003), a qual ressalta as desvantagens dos estudantes negros em contexto de concorrência direta com brancos.

Esta perspectiva ressalta valor de políticas afirmativas do tipo cotas raciais, que teriam por valor intrínseco a equivalência dos grupos em disputa. Cabe ainda reforçar que a igualdade das escolhas não corresponde a igualdade nas oportunidades de êxito na aprovação, muito embora desigualdades elevadas nessa dimensão tendam a médio prazo corroer a crença na capacidade individual como fator genérico de igualdade social.

Bibliografia

BOUDON, R. *A desigualdade das oportunidades*. Brasília, DF, Brasil: Editora UnB, 1981.

BOURDIEU, P. *Esboço de uma teoria da prática*. BOURDIEU, Pierre. Sociologia. Ortiz, Renato (org). São Paulo: Ática, 1983.

_____. *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. Escritos de educação. 2ª. ed., p. 39-64, Petrópolis: Vozes, 1998.

BREEN, R.; GOLDTHORPE, J. *Explaining Educational Differentials. Toward a formal rational action theory*. In *Rationality and Society*. Vol9(3), 275-305, Sage Publications: London, Thousand Oaks, New Delhi, 1997.

ELSTER, J. *Peças e engrenagens das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

HEARN, J. C. *Academic and Non-academic Influences on the College Destinations of 1980 High School Graduates*. *Sociology of Education*, v64, nº 3, p.158-71, Jul 1991.

RIBEIRO, S.C. O vestibular. Em *Aberto*, v. 1, n. 3, fevereiro, 1982.

SEN, A. *Desigualdade Reexaminada*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, A. P. da. *Mérito. Mobilidade e raça: uma abordagem das relações entre negros e brancos na universidade*. Dissertação. PEPGPS.Universidade Federal Fluminense, 2006.

STEELE, C. *Stereotype Threat and African-American Student Achievement*. In. *Young Gifted and Black: promoting High achievement among african-american students*. PERRY, Theresa; STEELE, Claude and HILLIARD, Asa. Boston, Beacon Press, 2003.